

# SONHOS QUE MASTIGAM RESQUÍCIOS (*HUNI-KUIN SAPO*)

RAQUEL NAVA

Raquel Nava nasceu em Brasília, DF, em 1981. Utilizando taxidermia e restos biológicos de animais justapostos a materiais industrializados, sua pesquisa artística investiga o ciclo da matéria orgânica e inorgânica e sua relação aos desejos e aos hábitos culturais. A diversidade de sua produção está nos experimentos com técnicas e materiais. Bacharela em Artes Visuais (2007) e Mestre na linha de pesquisa em Poéticas Contemporâneas (2010-12) pela UnB. Aluna da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires (2005). Trabalhou como tutora e professora à distância de Licenciatura em Artes Visuais da UAB/UnB (2010-17) e como professora temporária no Ida/UnB (2021-23), onde é doutoranda na linha de pesquisa Deslocamento e Espacialidades PPGAV/UnB. Expõe com regularidade desde 2008, tendo realizado mostras individuais em Brasília, no Rio de Janeiro, Lima e Paris. Premiada no 19º Salão Anapolino de Arte e no Transborda Brasília 2018. Finalista no 7º Prêmio Indústria Nacional Marcantônio Vilaça e no 66º Salão Paranaense. Contemplada pelo FAC DF com "Taxidermia Contemporânea: transformações e apropriações" (2017) e "Estomacais: corpos fragmentados e ideias má digeridas" (2021). Indicada ao Prêmio Pipa 2018 e participante do comitê de indicação do Prêmio Pipa 2024.

*Sonhos que mastigam resquícios* é um fluxo poético e onírico que mistura delírio, memória e metamorfose. A narradora caminha por um espaço instável – paralelepípedos suspensos, muros ociosos, vozes fragmentadas – em meio a ecos de perda, transformação e ironia.

sonho,  
fluxo de  
consciência,  
lama viva do  
mundo.

Hoje caminhava entre paralelepípedos suspensos no ar, podiam afundar a cada pisada.

Parei e olhei para baixo, descansava no meu atraso.

Caminho e os paralelepípedos caem. Surge um muro de barro oco.

— "Com licença, senhor. Poderia me dizer onde fica *Massachusetts* fora do meu mapa astral?"

Bem ou mal, o caminho virá ondulante de frágeis mortais. Viciosos mortais. Aquilo e aquilo outro.

— "Levou tudo, minha filha.  
Não sobrou nem meados do século XX.  
Fugiu segurando nos dentes um pente."

(Fingiu que nem me viu, fingiu ser eu.)

Não escutei o choro do sapo, sutil foi o tato na sola do pé, me senti uma recém nascida. Nasci sem esmeraldas, apenas com a dor do vermelho. Finjo. Sou eu. E você e você e você também.

Me disse que viesse só, que se eu quisesse, então eu queria. O futuro existiu, imaginei tudo.

Dancei girando até perder o sentido. Nunca fez sentido girar, o mundo em movimento. Escove os dentes e pede perdão. Violenta o medo e pede desculpa. Ali onde me esperavam, eu sobrevivia.

O lodo na pele deslizante de sapo, a língua do outro lado. O ar circulou e voltou.

O urso do sonho no corpo vil, estampas estreladas e mutantes, substância renal.

## 4 - Medir apenas o calo pendente

— "Ouviu falar de abril?"

Abre as pernas e cala os dentes. Vigia a porta enciumada. Verruga vergonhosa. Pobre escala.  
Jaca podre. Abacate podre. Purê podre. A vida brota e se renova. Nada como um dia após o outro.



FIGURA 1  
POEIRA #3, RAQUEL NAVA, 2018. FOTOGRAFIA DIGITAL.